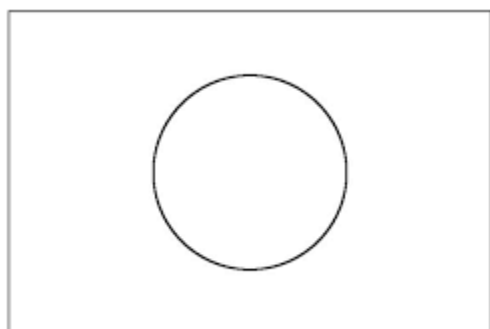


A Cultura como pano de fundo para o processo de Envelhecimento

Valéria Mie Akamatsu



Este texto¹ traz uma reflexão inicial sobre o envelhecimento na perspectiva de diferentes culturas, abordando, principalmente, como essas diferenças culturais podem influenciar na forma como os indivíduos vivenciam a própria velhice, bem como no arsenal de recursos e ferramentas que cada sociedade lança mão para lidar com o envelhecimento massivo da sua população.

O foco da reflexão está em sociedades urbanas dos tempos atuais, e não em sociedades antigas ou primitivas como muitos antropólogos já brilhantemente o fizeram.

Considero que as ideias e a pesquisa bibliográfica apresentadas aqui sejam apenas o 'aquecimento' para um projeto de pesquisa maior e mais estruturado a ser desenvolvido daqui para a frente.

Aqui, descrevo um pouco da trajetória que percorri sobre o tema: experiências que me despertaram o interesse para o assunto em viagem ao Japão, a leitura de algumas referências sobre o Japão, e a bibliografia encontrada sobre o envelhecimento nas diferentes culturas. Ao final, condenso minhas reflexões e coloco outras possibilidades de pesquisa.

O despertar para as diferenças culturais na questão do envelhecimento: vivências sobre o Japão

Meu interesse por esse tema foi motivado por experiências pessoais, a partir de uma viagem de turismo ao Japão em 2018 – uma sociedade muito diferente da nossa em termos de estrutura e organização. Dois fatos ficaram marcados nessa viagem.

Observei que no transporte público não havia lugar reservado para idosos. Então, quando eu percebia a entrada de algum idoso, eu oferecia o meu lugar a ele, buscando exercer o que aprendi na minha cultura de origem. A maioria deles resistiu

¹ N.E. : Texto entregue na finalização do curso **Fragilidades: o envelhecimento sob a perspectiva da Gerontologia Social** do Portal do envelhecimento.

fortemente à minha oferta, e apenas uma idosa com problemas de mobilidade aceitou por insistência da filha.

Fui visitar, a pedido de minha mãe, um parente idoso distante que eu mesma desconhecia. A despeito da dificuldade de comunicação, já que eu não falo o japonês, pude entender que esse senhor, de cerca de 90 anos e com problemas de mobilidade, morava só e tinha pouquíssimo contato com seus filhos. Tinha a assistência do governo para tratamento de questões de saúde, mas os profissionais o deixavam em sua casa, e pelo o que pude captar, aos cuidados de si mesmo.

Retornando ao Brasil, deparei-me com as matérias divulgadas na mídia a respeito dos velhos japoneses que cometiam pequenos crimes para serem presos, garantindo assim três refeições por dia e um senso de 'comunidade', driblando sua solidão, já que, ou não tinham família, ou eram distantes dela.

Como exemplo, uma reportagem publicada no site da BBC Brasil (2019) revela os motivos das prisões de idosos japoneses, a partir de entrevistas com profissionais e relatos de alguns casos.

Os prisioneiros falam de dificuldades financeiras como principal motivo para cometerem os pequenos furtos. Mas entre os profissionais, há o destaque para fatores psicológicos, além dos financeiros, para motivar esses crimes: com a perda de familiares, falta-lhes uma rede de apoio e de cuidado, e com isso, também perdem o seu lugar na sociedade – e a prisão passa a ser uma opção.

Essa reportagem constata o aumento significativo de presos com mais de 60 anos, representando um alto percentual em algumas localidades – como exemplo, uma prisão nos arredores de Tóquio com quase um terço dos presos nessa faixa etária. A consequência é a necessidade de reestruturação do sistema prisional para abarcar esses idosos: de profissionais, de instalações e de atividades do cotidiano

A solidão e o não querer se tornar um peso para a família foram as marcas que ficaram na minha memória sobre o envelhecimento no Japão, mesmo com toda a estrutura e organização pelas quais essa sociedade é conhecida e admirada.

Passei então a pensar em como isso se contrapunha à velhice do brasileiro. Claro que há solidão e o desejo de não se tornar um peso para os familiares, mas o brasileiro conta ainda com alguma cordialidade no trato social e com leis que protegem e garantem ao idoso o status de 'prioridade'. O idoso japonês parece contar mais com o Estado e seus serviços, sendo tratado como qualquer outro cidadão do país.

Em função desse 'despertar', pesquisei mais informações para checar impressões e dar corpo às minhas inspirações e ideias.

Sobre o Japão e o envelhecimento

Em pesquisa para a elaboração deste texto, pude encontrar algumas referências interessantes que descrevem como o Japão tem lidado com o envelhecimento populacional.

O Japão é um dos países expoentes do envelhecimento humano, com uma sociedade que concentra um percentual de idosos muito acima da média global – acima de 28% da população do país, segundo dados de 2020.

Em dissertação de mestrado apresentada na FFLCH da USP e intitulada “Os desafios do Japão, a primeira sociedade super-envelhecida: envelhecimento, declínio populacional e a condição das mulheres japonesas” (LOPES, 2020), a autora faz uma análise exaustiva sobre os desafios que surgiram no país com o envelhecimento da sua população, a partir de dados secundários e revisão bibliográfica. E ressalta que países como o Brasil devem começar a pensar e estruturar ações para lidar com o envelhecimento crescente de sua população, a fim de garantir maior qualidade de vida e dignidade a quem envelhece, e reduzir os riscos de estagnação da economia.

Dos desafios mencionados pela autora, o declínio populacional é evidenciado como agravante do quadro de envelhecimento da população, com cada vez menos gente nascendo, e muita gente vivendo por mais tempo. Isso gera perspectivas econômicas desastrosas, como a falta de gente para trabalhar e pagar as contas do país e da população improdutiva. Lopes enfatiza a entrada da mulher no mercado de trabalho como um dos fatores que contribuem para o declínio da fecundidade, bem como a cultura do trabalho excessivo que predomina entre os jovens japoneses, incentivada pelo governo para manter alta a taxa de produtividade, e que tem como consequência o afastamento dos familiares e o isolamento de seus velhos.

A autora também menciona que para lidar com o envelhecimento, a sociedade japonesa tem investido em várias frentes. Destacam-se as políticas públicas para aumentar a taxa de natalidade; as propostas para melhorar a condição do idoso no trabalho, inclusive com a discussão para o aumento da idade de aposentadoria de 65 para 70 anos; o investimento no sistema de saúde, com ampliação de serviços especializados para idosos, desenvolvimento da robótica, de novos medicamentos e de projetos inovadores como as ‘smart cities’. Mas há o problema da escassez de profissionais cuidadores, sendo essa uma função que os jovens japoneses não querem assumir e para a qual mal se pode contar com imigrantes, já que o governo e a sociedade civil japonesa têm fortes resistências a não japoneses – uma questão cultural!

Em uma entrevista ao Jornal da USP (2021), Lopes ressalta que ‘o envelhecimento não existe em uma bolha’, dando a entender que não basta lidar apenas com os problemas e carências específicas dos idosos, mas que é preciso levar em conta fatores culturais para se propor soluções efetivas para a questão do envelhecimento em cada sociedade.

Russel Parry Scott, em sua publicação “Envelhecimento e Juventude no Japão e no Brasil: idosos, jovens e a problematização da saúde reprodutiva” (SCOTT, 2002) faz uma contraposição desses dois países aparentemente tão díspares. Enfatiza as questões econômicas, colocando o Japão como um país com oferta de trabalho mas sem gente suficiente para contribuir para a previdência, e o Brasil, como um país com muita gente em idade produtiva mas com pouca oferta de trabalho.

Esse autor aponta aspectos comuns às duas sociedades, como por exemplo a perda de redes de solidariedade intergeracionais – as tradicionais grandes famílias – com o aumento de unidades de moradia unipessoais.

Segundo Scott, no Japão em especial, é mais evidente a preocupação dos que envelhecem em não se tornarem um peso para os seus filhos. O governo japonês adaptou muitos dos seus serviços governamentais aos idosos, tanto para quem ainda tem autonomia como para quem precisa de cuidados especiais. Para quem tem autonomia, a perspectiva é que o idoso dependa cada vez mais de si mesmo e que trabalhe por mais tempo, em uma situação de 'autoexploração' mesmo com o avançar da idade.

E no Brasil, essa preocupação de não se tornar um peso para a família parece ser menor, até mesmo em função de, muitas vezes, o idoso ser a única fonte de renda estável da família. O morar sozinho pode ser mais uma escolha por autonomia e liberdade do que um temor de se tornar um peso para os filhos.

Da leitura dessas publicações sobre o Japão, um aspecto salta aos olhos: a falta de atenção à questão do acolhimento da velhice, no sentido psicossocial. Parece não haver preocupação ou medidas efetivas que preparem a população civil para acolher e cuidar de seus velhos – o que vai ao encontro das experiências pessoais relatadas no início deste texto. A atenção fica mais na medicina, na tecnologia e na reorganização do trabalho – áreas em que o Japão se destaca e onde transita com desenvoltura, configurando as bases para o seu 'poder de reação' frente ao contexto preocupante do envelhecimento massivo de sua população.

Infelizmente, não houve condições para acessar estudos que tenham como foco as percepções dos próprios idosos japoneses sobre seu processo de envelhecimento ou o significado mais profundo do envelhecer em uma sociedade como o Japão atual. A limitação da língua e o pouco tempo disponível restringiram as buscas sobre o tema.

Sobre o envelhecimento em outros contextos culturais

É importante apontar a dificuldade de localizar estudos que comparem o envelhecimento em diferentes culturas e etnias, com publicações em português. Não se encontrou uma variedade de artigos disponíveis a partir da utilização de ferramentas de busca como o Google ou o Google Acadêmico.

Apenas dois artigos que abordam este aspecto foram encontrados para a elaboração do presente texto.

O primeiro artigo, publicado na Revista Gaúcha de Enfermagem (FALLER; TESTON & MARCON, 2018), apresenta o recorte de uma pesquisa qualitativa com idosos pertencentes a cinco nacionalidades distintas que viviam em um município da tríplice fronteira (Foz do Iguaçu). Foram entrevistados libaneses, brasileiros, chineses, franceses e paraguaios.

Os autores afirmam que o significado que o indivíduo dá ao processo de envelhecer está fortemente ligado ao contexto em que ele foi criado e aos valores atribuídos à velhice pela família e sociedade em que está inserido. A cultura influencia, além de hábitos e costumes no cuidado à saúde, as concepções a respeito da velhice, e as formas de interação familiar esperadas para essa fase da vida.

Constatam diferenças no cuidado com o idoso em função do grupo étnico a que pertencem, e como isso afeta a forma de vivenciar a velhice. Por exemplo, velhos

que vieram de culturas que valorizam a permanência do idoso junto à família (como libaneses, brasileiros, chineses e paraguaios), mas que, por algum motivo, não podem desfrutar de tal condição, manifestam infelicidade maior nessa etapa da vida. Já os franceses aceitam melhor a distância da família e a velhice vivida em instituições especializadas; o cuidar dos pais é percebido como um fardo, e os filhos devem ter a oportunidade de trabalhar, sem se incomodar tanto com os mais velhos.

Destacam também diferenças de responsabilidade entre os familiares conforme cultura: nas famílias paraguaias, a consideração pelos mais velhos é ação de todos os membros da família, enquanto para os chineses e libaneses, o filho mais velho é o que tende a assumir tal obrigação. Entre os brasileiros, o acolhimento dos pais pelos filhos é notável, com muitos dos filhos abdicando de suas próprias vidas quando os pais se tornam fisicamente dependentes.

E finalmente, os autores sublinham a importância de estudos que abordem diversos grupos culturais, especialmente em um país que acolheu tantos imigrantes como o Brasil, para a revisão de práticas mais efetivas e gratificantes na área da saúde.

O segundo artigo foi publicado na revista eletrônica *Psicologia em Pesquisa* e é intitulado “Representações Sociais do Envelhecimento entre Diferentes Gerações no Brasil e na Itália” (CAMARGO e outros, 2014). O estudo foi conduzido através de questionário com perguntas fechadas e abertas, e envolveu as duas nacionalidades, ambos os sexos e diversos grupos etários (de jovens de 18 anos a idosos de mais de 80 anos). Os dados foram coletados nas dependências da Universidade Federal de Santa Catarina em Florianópolis/Brasil e da Universidade de Pádua/Itália.

A teoria das representações sociais foi uma das principais bases para a consideração dos resultados. O pressuposto é o de que os grupos constroem e compartilham um conjunto de conhecimentos, conceitos e explicações sobre determinado fato ou tema, a partir de conversações e relações interpessoais do cotidiano (com referência à teoria de Moscovici). As representações sociais estão sujeitas às mudanças geradas nas sociedades, ou seja, as representações sobre um mesmo objeto podem ser diferentes de acordo com a cultura.

No tema de interesse, tem-se que a velhice e o envelhecimento são vivenciados distintamente nos diversos contextos, com diferentes recursos para o enfrentamento das perdas e buscas para o envelhecimento com sucesso.

O estudo indica que há duas representações principais do envelhecimento: uma mais exitosa, na qual as relações sociais e a atividade completam a experiência e sabedoria características da velhice; e outra, que caracteriza um processo de final de vida, marcada pelo declínio, incapacidades, doenças e inatividade, apesar do acúmulo de experiência e sabedoria.

Dos resultados, destacam-se que as palavras mais associadas ao envelhecimento foram ‘experiência’ e ‘sabedoria’; mas entre os brasileiros, também apareceram palavras como ‘família’ e ‘tempo livre’. De forma geral, na amostra brasileira, houve um predomínio de elementos positivos associados ao envelhecimento, como por exemplo ‘saúde’, ‘tempo livre’, ‘amigos’, ‘família’, ‘utilidade’; enquanto na amostra italiana, os aspectos negativos como ‘doença’, ‘morte’, ‘incapacidade’ foram mais evidentes.

Ambos os artigos fazem pensar na importância de contextualizar o envelhecimento. Culturas diferentes implicam em vivências e expectativas distintas do processo, do papel da família, do papel de si mesmo. De forma alguma se desconsidera a singularidade de cada sujeito para enfrentar essa etapa da vida, mas agrega-se aqui a dimensão cultural para melhor compreensão desse indivíduo, do que ele considera êxito e do que vive como sofrimento.

Comentários finais

O envelhecimento vem sendo cada vez mais estudado em função do aumento notável de velhos pelo mundo. Nunca se olhou tanto para esse universo como agora.

Constata-se diferentes formas de lidar com o envelhecimento, variando de acordo com os aspectos que compõem e definem a cultura de cada grupo étnico: seus costumes; seus valores e significados atribuídos à velhice; seus recursos e prioridades, tanto econômicos como sociais.

O velho tende a vivenciar o envelhecimento, com mais ou menos sofrimento, de acordo com as representações sociais da velhice e expectativas construídas (e reconstruídas de tempos em tempos) em sua cultura.

Mas não é apenas a forma dos indivíduos lidarem com o envelhecimento que pode variar de acordo com cada cultura. A forma como cada nação lida com o envelhecimento e as soluções que prioriza são também influenciadas pela cultura daquele grupo. Em geral, a tendência é lançar mão de soluções alinhadas com seus pontos fortes, privilegiando áreas ou dimensões em que se destacam – como a tecnologia e medicina pelo Japão.

Por essas razões, não se deve deixar a cultura de lado ao se pensar sobre um tema tão relevante como o envelhecimento. Mas, infelizmente, para esta reflexão inicial, observou-se a dificuldade de acesso a publicações em português que aprofundassem e comparassem o envelhecimento em diferentes culturas. Assim, considero que um campo de estudos promissor em relação ao envelhecimento se abre para maior atenção e investimento.

Por último, fica a pergunta: e o Brasil? Será que o Brasil já se vê como um país de velhos? Qual o lugar do velho na cultura brasileira? Que representações sociais distinguem a velhice daqui da velhice de outros locais? Quais traços e características do brasileiro podem ser mobilizados para gerar soluções mais efetivas? Será que aspectos fortes da cultura brasileira como a facilidade de interação social, a alegria e a solidariedade podem ser maximizados para a criação de serviços de cuidado e acolhimento dos nossos velhos?

Enfim, mais dúvidas que afirmativas ...

Referências

BBC NEWS BRASIL. Aposentados na cadeia: os idosos japoneses que se esforçam para serem presos, 1 de fevereiro de 2019. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-47086935>>. Acesso em: 10 de nov, 2023.

CAMARGO, B.V. e outros. Representações Sociais do Envelhecimento entre Diferentes Gerações no Brasil e na Itália. *Revista Psicologia em Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFJF*, vol.8, nº 2, 2014.

FALLER, J.W.; TESTON, E.F.; MARCON, S.S. Estrutura conceitual do envelhecimento em diferentes etnias. *Revista Gaúcha de Enfermagem da UFRGS*, vol.39, 2018.

JORNAL DA USP. O que o envelhecimento populacional do Japão pode ensinar ao Brasil?, 14 de setembro de 2021. Disponível em <<https://jornal.usp.br/?p=452092>>. Acesso em 10 de nov, 2023.

LOPES, B.K.M. Os desafios do Japão, a primeira sociedade super-envelhecida: envelhecimento, declínio populacional e a condição das mulheres japonesas. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2020.

SCOTT, R.P. Envelhecimento e juventude no Japão e no Brasil: idosos, jovens e a problematização da saúde reprodutiva. In: MINAYO, M.C.S. e COIMBRA JUNIOR, C.E.A., orgs. *Antropologia, saúde e envelhecimento* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. *Antropologia & Saúde collection*, pp. 103-127. ISBN: 978-85-7541-304-3. Disponível em <<https://books.scielo.org>>.

Data de recebimento: 30/11/2023; Data de aceite: 23/12/2023

Valéria Mie Akamatsu - Formada em Psicologia, com experiência em hospital geral e atendimento clínico. Atua em pesquisa de mercado há mais de 20 anos, sendo especializada em Pesquisa Qualitativa. E-mail de contato: valmie@uol.com.br